

Analogias entre a máfia e o fascismo por Leonardo Sciascia

Gisele Palmieri
Universidade Federal do Rio de Janeiro
gmp80@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho propõe uma visão comparativa entre máfia e fascismo, a partir das reflexões do escritor siciliano Leonardo Sciascia. Segundo o autor, existe uma analogia entre ambas as formas de poder, conclusão feita pelo intelectual após viver os seus primeiros vinte anos de vida numa Itália antidemocrática sob o governo de Mussolini e numa Sicília apática ao regime do *Duce*. Esta dupla vivência rendeu a Sciascia uma percepção mais apurada da problemática realidade insular, levando-o a contestar o comportamento dos seus conterrâneos face ao poder, o que fez de sua atividade literária um reforço em seu engajamento político e social. Mostraremos que, em razão desse *impegno* contra o poder, ele se coloca em contradição quando da publicação de um artigo em que critica alguns profissionais antimáfia da Sicília, acusando-os de se utilizarem da atividade como forma de ascensão profissional. Buscamos, nas definições de intelectual de Sartre, a defesa das ideias, aparentemente, contraditórias do autor, ao compreendermos, com o apoio do pensador francês, que a função do intelectual é, em si, contraditória.

Palavras-chave: Máfias. Fascismo. Antimáfia. Antifascismo. Poder.

ABSTRACT: Questo articolo propone una visione comparata tra mafia e fascismo, basata sulle riflessioni dello scrittore siciliano Leonardo Sciascia. Secondo l'autore, esiste un'analogia tra entrambe le forme di potere, una conclusione fatta dall'intellettuale dopo aver vissuto i suoi primi vent'anni di vita in un'Italia non democratica sotto il dominio di Mussolini e in una Sicilia apatica al regime del Duce. Questa doppia esperienza ha dato a Sciascia una percezione più acuta della problematica realtà isolana, portandolo a sfidare il comportamento dei suoi connazionali verso il potere, il che ha reso la sua attività letteraria un rafforzamento del suo impegno politico e sociale. Dimosteremo che, a causa di questo impegno contro il potere, si contraddice quando pubblica un articolo che critica alcuni professionisti antimafia siciliani, accusandoli di utilizzare l'attività come forma di ascensione professionale. Cerchiamo nelle definizioni di intellettuali di Sartre di difendere le idee apparentemente contraddittorie dell'autore comprendendo, con il sostegno del pensatore francese, che la funzione dell'intellettuale è, in sé, contraddittoria.

Parole chiave: Mafie. Fascismo. Antimafia. Antifascismo. Potere.

ABSTRACT: This work proposes a comparative view between mafia and fascism, based on the reflections of the Sicilian writer Leonardo Sciascia.

According to the author, there is an analogy between both forms of power, a conclusion formed by the intellectual after living his first twenty years of life in an antidemocratic Italy, under the rule of Mussolini and in an apathetic Sicily to the regime of the Duce. This living granted Sciascia an acute insight on the problematic insular reality, leading him to challenge the behavior of his countrymen towards power, which led his literary activity to be a reinforcement of his political and social engagement. We will show that due to this *impegno* against power, he puts himself in contradiction when he published an article criticizing some anti-mafia professionals in Sicily, accusing them of using their activities as a means of professional advancement. We sought in Sartre's definitions of intellectuals to defend the author's apparently contradicting ideas by understanding, based on the French thinker, that the intellectual duty is contradictory by itself.

Keywords: Mafias. Fascism. Anti-mafia. Antifascism. Power.

Introdução

Em entrevista concedida a Marcelle Padovani, publicada sob o título *La Sicilia come metafora* (1979), Leonardo Sciascia afirma ter se transformado em “um certo tipo de escritor” graças ao seu posicionamento antifascista: “Credo che, se sono diventato un certo tipo di scrittore, lo devo alla passione antifascista” (SCIASCIA, 1979, p.85). Quando deu essa declaração, Sciascia acreditava que o fascismo não havia morrido até então e que sua sensibilidade ao regime continuava a ser muito forte, afirmando que podia reconhecê-lo em qualquer lugar. “Il fascismo non è morto. Convinto di questo, sento una gran voglia di combattere, di impegnarmi di più, di essere sempre più deciso e intransigente, di mantenere un atteggiamento sempre polemico nei riguardi di qualsiasi potere” (Ibid., p. 85). Sabemos que o escritor siciliano foi um dos mais notáveis intelectuais antimáfia de sua época. Ele cria na ideia de que máfia e fascismo são formas análogas de poder autoritário. E da vivência de uma infância e uma adolescência no período fascista, veio seu *impegno* contra “qualquer forma de poder”.

O período em que Mussolini esteve no governo, na Itália, foi motivo de reflexões posteriores à queda do ditador, quando um Sciascia já adulto questiona a Sicília, sua região de nascença, silenciosa e inerte face ao autoritarismo do Duce e, também, do autoritarismo da máfia. Lembra o mestre de Racalmuto que:

Ho passato i primi vent'anni della mia vita dentro una società doppiamente non giusta, doppiamente non libera, doppiamente non razionale. Una società-non società, in effetti. La Sicilia, la Sicilia di cui Pirandello ha dato la più vera e profonda rappresentazione. E il fascismo. E sia al modo di essere siciliano sia al fascismo ho tentato di reagire cercando dentro di me (e fuori di me soltanto nei libri) il modo e i mezzi. In solitudine. E dunque, in definitiva, nevroticamente. Voglio dire: so benissimo che in quei vent'anni ho finito con l'acquisire una specie di <nevrosi da ragione>, di una ragione che cammina sull'orlo della non ragione (Ibid., p.5).

A Sicília de seu tempo, que na análise do autor, é uma sociedade resignada, apática às mazelas à sua volta, *omertosa* e permissiva com a violência, uma “não sociedade”, conforme afirma Sciascia, durante o período fascista torna-se “duplamente não justa”, “duplamente não livre”, “duplamente não racional”. Na infância do autor, ele só passou a sentir a existência do fascismo quando se começou a falar em pena de morte aplicada aos contrários ao Estado comandado por Mussolini. Aceitar a implantação da pena de morte era, para o escritor, a maior infâmia a que uma sociedade e seus cidadãos, que consentiam com o ato, poderiam chegar. “E nessuno voleva parlare con me della cosa, tutti la dicevano giusta” (Ibid., p. 9). O silêncio de seus conterrâneos marcara a sua infância, quando se deparou com essa questão. Não havia com quem falar sobre o assunto. Ele lembra que “(...) Qui non ci si è accorti della caduta di Mussolini come non ci si è neppure accorti chiaramente della sua ascesa al potere, e siamo passati dall'amministrazione mussoliniana a quella dell'AMGOT, senza traccia alcuna di inquietudine” (Ibid., p. 48-49). A falta de inquietação dos sicilianos contra os abusos de um

poder autoritário, a falta de revolta popular contra os retrocessos democráticos o fizeram apegado à razão de base iluminista. Acreditava que a sociedade siciliana deveria reagir, interferir na realidade, combater as desigualdades e as injustiças sociais, ir contra a violência do poder (fosse a fascista, fosse a mafiosa). Viver numa sociedade mafiosa e fascista era o ápice de uma experiência de opressão. E ele não encontrava uma indignação explícita nos cidadãos sicilianos à sua volta. São essas memórias de infância de Sciascia que ativam sua vigilância contra a violência, a injustiça e o poder. Enquanto intelectual ativo em várias frentes — política, educacional, literária —, fez da literatura um aporte de seu engajamento, tornando-se um “guardião da democracia” (SARTRE, 1994, p.53), contra a barbárie. Um dos maiores incômodos do escritor, a *omertà*, aquele silêncio dos sicilianos face ao autoritarismo, virá embutida em quase toda a obra de ficção do autor, por meio de um *ethos* enunciativo *omertoso*, irônico e representativo do sujeito biográfico.

O silogismo máfia - fascismo

Nascido em 1921, um ano antes da Marcha sobre Roma, Sciascia afirma que “Non ho subito respirato il fascismo” (SCIASCIA, 1979, p. 3). Num conto autobiográfico intitulado *Breve cronaca del regime*, publicado sob o título *Le parrocchie di Regalpetra* (1956), relembra como, em sua puerilidade, não percebia — embora seus tios, tias e seu pai imprecassem contra o Duce — que o fascismo era um regime autoritário, antidemocrático. “Tranne che per qualche piccola invettiva, del fascismo e di Mussolini non sentivo parlare che bene” (SCIASCIA, 1991, p.45). E continua a discorrer sobre suas memórias de infância:

Non potevo immaginare si potesse vivere senza il fascismo. Sapevo che c'erano dei sovversivi, gente che non lo voleva: sentivo parlare di un muratore e di un sellaio, erano socialisti, li mettevano dentro per due o

tre giorni e poi li rilasciavano. (...) Una volta sentii che avevano messo una bomba al passaggio del re. Poi che avevano preso un tale che aveva intenzione di ammazzare Mussolini. Erano cose che mi scuotevano. Odiavo la gente che metteva bombe per il passaggio del re, l'uomo che si portava dietro le bombe per ammazzare Mussolini. E mi pareva strano che non cacciassero per sempre in galera un tipo che sapevo diceva sempre male di Mussolini (Ibid., p.47).

Embora não gostasse de cumprir com sua obrigação de *balilla* na Opera Nazionale Balilla, uma organização juvenil fascista italiana onde crianças e adolescentes eram doutrinados politicamente, lembra sua euforia e a da sociedade siciliana com o regime:

Ma a scuola, quando il maestro parlava del fascismo e di Mussolini, un po' di entusiasmo mi veniva. Il mondo, diceva il maestro, ci invidiava il fascismo, ci invidiava Mussolini. E tutto dovevamo a Mussolini e al fascismo: quel che c'era prima era confusione, violenza, miseria. Buffoni e mafiosi gli uomini politici di prima. E vigliacchi anche...Insomma, ecco: il fascismo andava benissimo, lo dicevano tutti – a scuola, in chiesa, in famiglia – che andava benissimo. (SCIASCIA, 1979, p.5)

Mas foi, então, a pena de morte que trouxe a Sciascia a inquietude e o despertar de sua “neurose da razão”:

Il fatto che la pena di morte ci fosse anche in paesi non fascisti, allora non ne feci conto. In Italia non c'era: e Mussolini l'aveva messa. Ciò mi portò a guardar meglio dentro il fascismo, a intravedere tutto quello che nel fascismo c'era contro la libertà, contro la dignità. Fu un processo lento, contraddittorio, inavvertito...La guerra d'Etiopia, per esempio, provocò in me una contraddizione riguardo a quel che venivo scoprendo di brutto e di ridicolo nel fascismo: mi diede un certo entusiasmo e per l'impresa militare in sé e per il fatto che l'Italia era condannata ed economicamente assediata da altri stati non meno imperialisti, non meno colonialisti. Credo che agisse, in me, riguardo a quella guerra, una specie di istinto di classe, il sentirmi parte di un popolo povero che i popoli ricchi volevano soffocare...Poco più tardi, con la guerra di Spagna, la mia avversione al fascismo divenne netta, assoluta. Non sul piano ideologico, poiché non sono mai riuscito ad accettare integralmente una ideologia, a risolvere tutto in essa; ma sul piano sentimentale, morale, intellettuale... (Ibid., p.9)

Somam-se à notícia da implementação da pena de morte no Estado Italiano, o hábito da leitura: “Nel crescere della mia avversione al fascismo avevano parte grandissima le letture” e a consciência de classe, adquirida em

âmbito familiar: “Non dubito affatto che quest’impegno derivi dalla mia condizione familiare, che ha saputo suscitare in me un istinto di classe”, e têm-se, então, formada a consciência democrática, racional, iluminista, enfim, antifascista do escritor. Assim, inicia aquela “postura polêmica” contra esta que será uma de suas maiores preocupações enquanto intelectual: a máfia siciliana. Considerado o escritor que fez a máfia ser conhecida (ou reconhecida), chega até mesmo a ser considerado um mafiólogo, título que refutava com o seguinte argumento:

Non c’è nulla che mi infastidica quanto l’essere considerato un esperto di mafia, o, come oggi si usa dire, un mafiologo. Sono semplicemente uno che è nato, è vissuto e vive in un paese della Sicilia occidentale e ha sempre cercato di capire la realtà che lo circonda, gli avvenimenti, le persone. (SCIASCIA, 2017, p.47).

E são as análises da sua região de nascença, a Sicília das minas de enxofre, da pobreza, da fome que ele vai relembrar. O escritor aponta um silogismo entre máfia e fascismo afirmando que “ il fascismo stenta a sorgere là dove il socialismo è debole; in Sicilia la mafia ha impedito che il socialismo prendesse forza: la mafia è già fascismo” (Ibid., p.3). Aturde-o a ideia de que a classe mais desfavorecida da Sicília tenha aderido à campanha fascista; mas adverte o autor: a fome foi a verdadeira motivação:

E a pensare che c’erano contadini e artigiani del mio paese, d’ogni parte d’Italia, che andavano a morire per il fascismo, mi sentivo pieno d’odio. Ci andavano per fame. Li conoscevo. Non c’era lavoro, e il duce offriva loro il lavoro della guerra. Erano carichi di figli, disperati (...) (SCIASCIA, 1991, p.53)

O desespero advindo da pobreza, a desesperança com a política vigente, a falta de oportunidades justas para os menos favorecidos parecem ser pontos de contato entre máfia e fascismo, fazendo com que ambos os regimes se ancorem na sociedade com a justificativa de oferecerem a melhor solução para essas injustiças. Elas surgem num cenário de “desproteção”, oferecendo uma

rede de apoio e ajuda social da qual se aproveitarão, por extrema necessidade, os mais pobres ou os mais vulneráveis às questões que eles prometem resolver. Estudos apontam que a máfia siciliana é um fenômeno de origem agrária e latifundiária cuja função que atribuía a si mesma era a de “proteção da população contra as injustiças sociais, o apoio às viúvas e órfãos e a defesa dos oprimidos” (GARLANDO, 2015, p. 38-45). A analogia entre máfia e fascismo, apontada por Sciascia, amplia-se na análise feita por Madeleine Albright em *Fascismo: um alerta* (2018), ao tentar explicar como o regime foi tão bem recebido pela população italiana no início de sua vigência:

Relatos orais do período atestam a esperança e o entusiasmo gerados pelo fascismo. Homens e mulheres descrentes de mudanças políticas de repente sentiam-se ligados às respostas que buscavam. Dispunham-se a viajar longas distâncias para estar presentes em comícios fascistas, nos quais descobriam almas afins, ávidas por restaurar a grandeza da nação, os valores tradicionais da comunidade e o otimismo em relação ao futuro. Naquela cruzada, ouviam explicações que faziam sentido para elas quanto às correntes poderosas em ação no mundo. Ali encontravam as oportunidades que vinham buscando de participar de grupos de jovens, organizações atléticas, instituições de caridade e treinamentos profissionais. Ali estavam os contatos de que precisavam para dar a partida a um novo negócio ou contrair um empréstimo. Muitas famílias que não haviam passado de dois filhos por acharem-se incapazes de sustentar mais que esse número agora tinha confiança para ter quatro, cinco ou seis. Na agradável companhia de colegas fascistas, compartilhavam uma identidade que lhes parecia justa e engajavam-se numa causa à qual cada um poderia servir com alegria e franqueza de alma. Por tais recompensas, acreditavam, valia a pena marchar e até mesmo abrir mão de liberdades democráticas – desde que os seus líderes cumprissem com o prometido e tornassem reais suas fantasias. (ALBRIGHT, 2018, p. 71)

A região de surgimento do fenômeno mafioso, a Sicília, teria oferecido, assim como no contexto do fascismo, as condições propícias para o surgimento de uma orientação protetiva e, posteriormente, autoritária, que guia os rumos de uma população desorientada e desesperançosa. “É de insatisfações sociais e econômicas que o fascismo se alimenta, entre as quais a crença de que *aquela gente está sendo mais bem tratada do que merece enquanto eu não recebo o que me é devido*” (Ibid., p. 239, grifos do autor). Eis um dos pontos de

contato entre o contexto de surgimento da máfia e o do fascismo. Apontam-se, nesses trechos de Albright e Sciascia, a existência de um “terreno fértil” na sociedade italiana para que um regime autoritário florescesse, bem como veremos que a máfia também encontrou este “terreno fértil” na Sicília. Lupo lembra alguns aspectos antropológicos dos meridionais que explicariam o surgimento e a evolução da máfia no sul da Itália. Teriam os sicilianos características identitárias de uma “cultura que seria caracterizada pela desconfiança em relação ao Estado e, portanto, pelo hábito de fazer justiça por si mesmo, pelo senso de honra, pelo clientelismo, pelo familismo que subtrai ao indivíduo a percepção das próprias responsabilidades diante de uma coletividade mais ampla que a primária” (2002, p.25). Com relação ao “familismo”, aspecto identitário da região siciliana, Sciascia afirma que “In Sicilia la famiglia, nelle sue vaste ramificazioni, ha questa funzione: di proteggere, di privilegiare i suoi membri rispetto ai doveri che la società e lo stato impongono a tutti. È la prima radici della mafia, lo so bene” (SCIASCIA, 1979, p.7). É possível aliar esta característica “protetora” da família siciliana com o paternalismo próprio de governos autoritários. Ressalta-se, ainda, que segundo alguns historiadores e segundo o próprio Sciascia, a máfia, para o siciliano, é o Estado. Se no contexto do fascismo, o Estado era centralizador e o regime veio como resposta ao caos instaurado na Itália pelo governo antecessor, no contexto de surgimento da máfia há, também, a ideia de organização como uma alternativa à ordem vigente, injusta com os menos favorecidos:

A Itália se encontrava à beira do colapso. O parlamento era visto até por seus próprios membros como um bazar de corrupção onde se distribuíam favores a quem tivesse conexões políticas ou sociais. E Vítor Emanuel era indeciso, tímido e franzino. Em 22 anos como monarca, nada menos que vinte primeiros-ministros haviam se revezado no cargo. Os grandes líderes políticos viviam às turras uns com os outros, mas quase não faziam esforço para se comunicar com o público em geral. O momento era perfeito para um líder de verdade, um duce, capaz de reconstruir a Itália e torná-la mais uma vez o centro do mundo” (ALBRIGHT, 2018, p.27).

Dessa percepção, desfaz-se uma contradição entre a busca por um apoio num Estado fortalecido e autoritário, como no fascismo de Mussolini, e uma busca pelo apoio da máfia, que é contra o Estado oficial, um poder paralelo.

Apesar de a máfia estar atrelada, em sua origem, a um caráter protetivo de uma sociedade agrária e pobre, sendo vista como “espelho da sociedade tradicional”, estudos apontam uma evolução, com o passar do tempo, para uma organização criminosa com objetivos mais escusos que a “proteção” oferecida:

Portanto, é sobretudo a Máfia que descreve a si mesma como costume e comportamento, como expressão da sociedade tradicional. Todo mafioso eminente insiste em apresentar-se sob as vestes do mediador e do pacificador de controvérsias, de tutor da virtude das meninas; pelo menos uma vez na sua carreira, ele ostenta uma ‘justiça’ rápida e exemplar contra ladrões violentos, estupradores, raptos de crianças. Estamos, por outro lado, diante de um grupo de poder, o qual exprime uma ideologia que pretende criar consenso externo e solidez interna: existe nela um certo autoconvencimento, muito de veleidade e mais ainda de propaganda destinada a chocar-se, na grande maioria dos casos, com a bastante diferente realidade dos fatos. (LUPO, 2002, p.27-28)

Após tantas décadas, a organização já não era mais uma simples associação latifundiária. Torna-se empresa, organização criminosa com grandes movimentações financeiras.

O que há em comum entre máfia e fascismo, neste aspecto paternalista, é a confiança que transmitem ao povo, o que se torna a mola propulsora da consolidação de modelos autoritários de poder. Depois de conseguirem conquistar a maioria da sociedade, tomam-se as rédeas do rumo que será dado a ela: “

Uma outra característica é a reversão do contrato social. Em vez de cidadãos darem poder ao Estado em troca da proteção de seus direitos, o poder emana do líder e as pessoas não têm direitos. Sob o fascismo, a missão dos cidadãos é servir; o trabalho dos governantes, ditar as regras” (ALBRIGHT, 2018, p.19).

Quanto à máfia, sabe-se que ela

pressupõe sempre uma desordem para organizar e para ter sob controle, tanto na Sicília posterior ao *risorgimento* como durante as mais recentes escaladas de delinquência; portanto, em larga medida é justamente a Máfia que cria a insegurança da qual se aproveita, podendo-se dizer que a sua única função é aquela que ela própria determina, visto também que a criminalidade comum constitui a base de recrutamento das quadrilhas. (LUPO, 2002, p. 32)

Os dois regimes se utilizam da intimidação e da violência em sua forma de “governar”. Albright lembra a definição do termo “fascista” como a de:

alguém que alega falar em nome de toda uma nação ou um grupo, não tem preocupação alguma com os direitos de terceiros e está disposto a lançar mão de violência e quaisquer outros meios necessários para atingir as metas que porventura tenha (2018, p. 247).

Em analogia, sabe-se que a história da máfia a mostra como a mais violenta das organizações criminosas existentes. Lupo, em seu estudo sobre a máfia, afirma que a organização “(...) é um poder, e o fato de ela conseguir credibilidade misturando violência e ideologia não demonstra nada sobre a sua pretensão de prestar um serviço” (2002, p. 32-33), desmantelando, assim, a insistente imagem de cidadãos honrados e viris que os mafiosos tentaram, por décadas, sustentar. E foi com *Il giorno della civetta* (1961) que Sciascia expôs o falso verniz de ingenuidade tradicionalmente atribuído à figura do *capo* mafioso, representado pelo personagem de Dom Mariano Arena, apresentado como um “homem de todo respeito, homem protegido, homem que pode se dar ao luxo de contratar como advogados de defesa De Marsico, Porzio e Delitela juntos...” (SCIASCIA, 1995, p.83). Na trama policialesca, quando as investigações apontam Arena como o mandante dos assassinatos ocorridos no início da história, o que se ouve da parte de algumas figuras da sociedade é:

- Não entendo, realmente, não entendo: um homem como dom Mariano Arena, um homem de bem: completamente dedicado ao lar e à igreja; e de idade, coitado, e cheio de achaques, cheio de aflições...
- Não, não, esta não, permita que o diga... Quando de noite se bate à porta de uma casa honrada, isto mesmo: honrada, e se tira da cama um pobre cristão, além do mais velho e adoentado, levando-o para o cárcere

como um malfeitor e jogando na consternação e na angústia uma família inteira: não, isto não é coisa, nem digo humana, mas, deixe que o diga, justa... (Ibid., p.53)

A ironia contida na descrição do *capo* mafioso neste diálogo faz parte do projeto de denúncia do autor, na tentativa de retirar os mafiosos dos esconderijos de sua função assistencialista com a fachada de uma reputação impoluta, “interpretação que tendem a dar de si próprios os mafiosos, muito felizes em descrever-se como inócuos senhores do campo e não como membros de perigosas associações criminosas” (LUPO, 2002, p.44). Sciascia já vinha apontando essa evolução da máfia. Havia uma resistência na sociedade italiana, até então, em aceitá-la como uma organização criminosa forte e consolidada, pois se persistia numa visão folclórica da organização.

Em seus ensaios, Sciascia acusa a potência e expansão do fenômeno para além da defesa dos interesses camponeses. No ensaio *La mafia*, ele faz a crítica a alguns títulos da literatura americana e italiana dedicados a tratar do tema, acusando-os de reduzir o fenômeno a uma simples “atmosfera”. Porém, o autor completa, ironicamente, “si trata di un’atmosfera che spara e che, per di più, spara in determinate direzioni”. E conclui o raciocínio sobre a suposta “fluidez” do fenômeno mafioso afirmando que “non è poi così sfuggente e indefinibile come a prima volta appare” (SCIASCIA, 1996, p.193). O papel do Sciascia intelectual, portanto, é mostrar que “la mafia è una forza” (Ibid., p.211).

Apesar das semelhanças entre ambas as formas de poder, o regime fascista combate a máfia, designando um agente político especialmente para esta tarefa: Cesare Mori, o “Prefeito de Ferro”. É o início da cruzada de “una mafia contro l’altra” (SCIASCIA, 2017, p.18).

Em 3 de janeiro de 1925, Mussolini autoproclamou-se ditador. Virou-se então para o Sul e escolheu um inimigo exemplar para o seu novo regime: a máfia. A luta contra as associações criminosas seria uma frente vital no projeto beligerante do Duce para construir uma nova nação.

Como ocorre sempre, o curso da história do crime seria estabelecido na Sicília: em outubro de 1925, Mussolini conferiu plenos poderes a um ambicioso polícia do Norte chamado Cesare Mori para atacar a máfia de toda a ilha. Mori tinha construído lentamente a sua carreira profissional do nada— ou melhor, a partir do orfanato em Pavia, perto de Milão, onde tinha sido criado. A missão siciliana era a sua hipótese de fazer história; e a história ficou a conhecê-lo como “Prefeito de Ferro” e à sua campanha antimáfia como Operação Mori. (DICKIE, 2011, p.306)

O empenho antimáfia de Mussolini rendeu fama e glória ao regime fascista, pois este divulgava que

impusera finalmente a ordem e a disciplina a uma Itália debilitada durante tanto tempo pela politiquice e corrupção. (...) O elemento central do discurso do Dia da Ascensão era o orgulhoso comunicado de Mussolini sobre a Operação Mori. A Sicília, disse ele ao parlamento, estava deitada na mesa de operações com o peito aberto pelo *bisturi* do Duce para que o cancro da delinquência fosse extirpado. Milhares de *mafiosi* suspeitos tinham sido capturados em dezenas de vilas e aldeias sicilianas. (Ibid., p. 308)

Sobre este episódio histórico, Leonardo Sciascia apresenta sua opinião, num artigo intitulado *I professionisti dell'antimafia*, publicado no jornal *Corriere della Sera*, em 10 de janeiro de 1987:

Sicché se ne può concludere che l'antimafia è stata allora strumento di una fazione, internamente al fascismo, per il raggiungimento di un potere incontrastato e incontrastabile. E incontrastabile non perché assiomaticamente incontrastabile era il regime - o non solo: ma perché talmente innegabile appariva la restituzione all'ordine pubblico che il dissenso, per qualsiasi ragione e sotto qualsiasi forma, poteva essere facilmente etichettato come « mafioso». Morale che possiamo estrarre, per così dire, dalla favola (documentatissima) che Duggan ci racconta. E da tener presente: l'antimafia come strumento di potere. (SCIASCIA, 2017, p.124)

Este artigo causou, na época, uma grande polêmica, pois Sciascia, utilizando como exemplo o posicionamento antimáfia de Mussolini, acusa muitos magistrados e políticos italianos, contemporâneos a ele, de se utilizarem da mesma bandeira “antimáfia” como projeto de ascensão profissional, ou seja, de a utilizarem como “instrumento de poder”. Dentre esses “profissionais antimáfia” estaria, segundo insinua, Paolo Emanuele

Borsellino, um notável magistrado, o que causou muitas críticas a Sciascia, após ele colocar em dúvida o trabalho de uma figura pública reconhecida e respeitada. A reação a tal artigo transformou-se em uma polêmica e colocou em discussão o empenho antimáfia dos magistrados que atuavam contra a *Cosa Nostra*.

A reação ao artigo veio de muitas partes, e Sciascia foi duramente atacado. O *Coordinamento Antimafia di Palermo* acusou o intelectual de ter se colocado à margem da sociedade civil ao expor o nome de Borsellino. A instituição o acusou de ser um *quaquaraquà*, termo de origem siciliana que significa “pessoa cuja loquacidade não corresponde à sua capacidade efetiva”¹, fato contraditório ao sabermos que o termo foi difundido pelo próprio Sciascia, por meio do romance *Il giorno dela civetta*, em alusão à utilização da palavra no jargão mafioso. O autor foi acusado, ainda, de praticar a *omertà*, outro fato contraditório se considerarmos que ele foi o principal autor a romper com o silêncio sobre o assunto máfia. Sob o título de *Sono stato io a chiamare Sciascia un quaquaraquà*, publicado em 2007, vinte anos após a polêmica, Francesco Petruzella, um dos fundadores do *Coordinamento Antimafia di Palermo* explica:

è chiaro che “quell’articolo ha rappresentato uno spartiacque nella vicenda palermitana. Mentre noi cercavamo di ribellarci allo strapotere della mafia e andavamo in piazza a gridare ‘Palermo è nostra e non di Cosa Nostra’, gli intellettuali siciliani se ne stavano in silenzio, non si schieravano, facevano finta di non vedere e di non sentire in una città dove era impossibile non vedere e non sentire. Poi Sciascia addirittura parlò dei rischi dell’antimafia, non dei rischi della mafia. (...) Sì è vero, certuni hanno fatto carriera con l’antimafia. Ma allora – insisto sulla Palermo di allora – di quella riflessione non ne avevamo bisogno. Al contrario avremmo avuto bisogno di un sostegno, di una solidarietà da parte di intellettuali come Sciascia che non è mai arrivata”².

Tal discussão fez de *I professionisti dell’antimafia* um divisor de águas da reação da opinião pública quanto ao trabalho de juízes dedicados a combater os mafiosos. Parte da sociedade italiana, motivada pela polêmica, passa a

atacar o *pool* antimáfia siciliano, acusando-os de conivência com a organização.³ Por outro lado, o escritor, sempre considerado o símbolo da luta contra a máfia, passou até a ser acusado de favorecer a sua existência, restando desacreditado todo o seu trabalho, ganhando a desconfiança e o desprezo daqueles que apoiavam a luta dos juízes sicilianos atuantes no *Maxiprocesso di Palermo*. Sciascia ganhou, ainda, o ressentimento do próprio Borsellino, que admirava o trabalho do escritor até então. Aqui, lembramos a “contradição do intelectual”, ideia apresentada por Sartre:

O intelectual, por sua própria contradição, que se torna sua função – é levado a realizar para si mesmo e, em consequência, para todos, a tomada de consciência. Nesse sentido, ele é suspeito a todos, já que de saída é contestatório e, portanto, traidor em potencial; mas, em outro sentido, ele faz para todos essa tomada de consciência. Entendemos que todos podem, depois dele, refazê-la. (SARTRE, 1994, p.52)

Desde a publicação do polêmico artigo, Sciascia publica outros, no mesmo jornal, defendendo-se das muitas acusações recebidas por sua crítica à nomeação de Borsellino ao cargo de Procurador da República de Marsala:

C'è gente che magari sa scrivere, e scrive, e stampa sui giornali quello che scrive, ma non sa assolutamente leggere. È chiarissimo, nel mio articolo pubblicato dal Corriere della Sera il 10 gennaio, che non del fatto che fosse stato promosso il giudice Borsellino mi allarmavo, ma del modo: e invece eccoli in molti, anche tra quelli che condividono la sostanza di quel mio articolo, a rimproverarmi di avere attaccato Borsellino. Ma quando ho scritto l'articolo, io nulla sapevo della sua capacità, dei suoi metodi e meriti: e non solo non mi permetto mai di dare giudizi sulle persone che non conosco, ma con molta cautela giudico anche quelle che conosco. Ora sul giudice Borsellino so un po' di più; ma il punto della questione non era e non è la sua persona, ma quel che intorno alla sua nomina si legge nell'estratto dei verbali del Consiglio Superiore della Magistratura(...) (SCIASCIA, 2017, p.129)

É possível compreender a acusação de Sciascia à nomeação de Borsellino ao rememorarmos suas traumáticas lembranças de uma infância sob a égide estatal fascista. “Non dubito affatto che quest'impegno derivi (...) dall'esperienza del fascismo, che è stata dura e 'sofferta'(...) (SCIASCIA, 1979,

p.85). É por conta desta vivência que ele se torna um defensor da razão, da democracia, da justiça. Lembra o escritor siciliano uma “terrível verdade” sobre a sociedade italiana:

E le dirò questa – per me terribile – verità: ancora oggi credo che una buona parte degli italiani (di destra, di sinistra, di centro) vivrebbe nel fascismo come dentro la propria pelle. Magari dentro un fascismo meno coreografico, con meno riti, con meno parole: ma fascismo. (SCIASCIA, 1979, p.7)

Conclusão

O “fascismo eterno”⁴ se transforma em uma preocupação constante de Sciascia, e, como lembramos, o que o leva a ser um “certo tipo di scrittore”, pois afirma que “la mia sensibilità al fascismo continua a essere assai forte, lo riconosco ovunque e in ogni luogo, persino quando riveste i panni dell’antifascismo, e resto sensibile all’eternamente possibile fascismo italiano” (Ibid., p.85). Assim como é sensível até ao fascismo travestido de antifascismo, também é sensível à máfia travestida de antimáfia.

E é em razão desta vigilância contra “qualsiasi potere”, como o “fascismo eterno” e a máfia (ou a antimáfia), que acusa Borsellino, fato que até hoje é considerado uma grande falha do escritor, mais ainda após o assassinato, em 1992, do juiz pela *Cosa Nostra*, tornando-o uma lendária figura antimáfia. Compreendemos que, para Sciascia, aquele fascismo que vivenciou na infância e que ainda não morreu, mas que permanece vivo “dentro da própria pele dos italianos”, encontra um espelho na máfia siciliana, e também na antimáfia como instrumento de poder. Lembramos mais uma vez Sartre, que *Em defesa dos intelectuais* (1972) adverte:

Produto de sociedades despedaçadas, o intelectual é sua testemunha porque interiorizou seu despedaçamento. É, portanto, um produto histórico. Nesse sentido, nenhuma sociedade pode se queixar de seus intelectuais sem acusar a si mesma, pois ela tem os que faz. (SARTRE, 1994, p.31)

A desconfiança que possuí de qualquer tipo de poder autoritário, graças à sua vivência no período fascista e à criminalidade da sua terra natal, torna-o um defensor da democracia, da razão e da liberdade. E sua vigilância o torna “intransigente”, cumprindo, assim, sua promessa de manter um “posicionamento sempre polêmico contra qualquer tipo de poder”.

Referências

ALBRIGHT, Madeleine. *Fascismo: um alerta*. Trad. Jaime Biaggio. São Paulo: Planeta, 2018.

BARBACETTO, Gianni. *Professionisti dell'antimafia?* Disponível em: http://www.societacivile.it/previsioni/articoli_previ/sciascia.html

DICKIE, John. *Irmandades de sangue. As origens das máfias italianas*. Trad. Jaime Araújo. Lisboa: Edições 70, 2016.

GARLANDO, Luigi. *Per questo mi chiamo Giovanni: da un padre a un figlio il racconto della vita di Giovanni Falcone*. 17 ed. Milano: Bur Rizzoli, 2015.

LUPO, Salvatore. *História da máfia: das origens aos nossos dias*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

MOTA, Samuele. *Sciascia. Lo scrittore, l'articolo, la polemica*. Parte prima. Disponível em: <https://www.stampoantimafioso.it/2017/03/06/sciascia-professionisti-antimafia/>

OMERTÀ. In: Treccani, 10 jan. 2019. Disponível em: <http://www.treccani.it/vocabolario/omerta>. Acesso em: 10 jan. 2019.

QUACQUARAQUÀ. In: Treccani, 20 nov.2019. Disponível em: <http://www.treccani.it/vocabolario/quacquaraqua/>. Acesso: 20/11/2019

QUARTIERI, D. *Opera nazionale Balila – ONB*. 2005. Disponível em: <http://www.lombardiabeniculturali.it/archivi/profilo-instituzionali/MIDL000246/>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. Trad. Sergio Goes de Paula. São Paulo: Ática, 1994.

SCIASCIA, Leonardo. *La Sicilia come metafora*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1979.

_____. *Le parrocchie di Regalpetra*. Milano: Adelphi, 1991.

_____. *Il giorno della civetta*. Milano: Adelphi, 1993.

_____. *O dia da coruja*. Trad. Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. La mafia. In: _____. *Pirandello e la Sicilia*. Milano: Adelphi, 1996, p. 191-211.

_____. *A futura memoria: se la memoria ha un futuro*. Milano: Adelphi, 2017.

Notas

¹ Disponível em: <http://www.treccani.it/vocabolario/quacquaraqua/>. Acesso: 20/11/2019

² Disponível em: <https://www.stampoantimafioso.it/2017/03/27/sciascia-lo-scrittore-larticolo-la-polemica-parte-seconda/>. Acesso: 19/11/2019

³ Disponível em: http://www.societacivile.it/previsioni/articoli_previ/sciascia.html. Acesso: 18/11/2019

⁴ Termo cunhado por Umberto Eco para designar o fascismo como uma ameaça constante, e não apenas um momento histórico já concluído, superado.